

A inquietação de Maria "Barraca". Desenho como exorcismo

*The unquietness of Maria "Barraca".
Drawing as exorcism*

FILIPA PONTES LANÇA*

Artigo completo submetido a 29 de dezembro de 2015 e aprovado a 10 de janeiro de 2016.

*Portugal: artista visual. Licenciatura em Design e Tecnologias Gráficas pela Escola Superior de Arte e Design de Caldas da Rainha do Instituto Politécnico de Leiria (ESAD.CR- IPL).

AFILIAÇÃO: Aluna do curso de doutoramento em Belas-Artes, na especialidade de Desenho, Universidade de Lisboa; Faculdade de Belas-Artes, Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal. E-mail: filipapontes@campus.ul.pt

Resumo: O artigo distingue a obra de Maria "Barraca" dentro do contexto da arte popular portuguesa, analisando o universo criativo da artista para mostrar de que forma o gesto de desenhar se transforma em processo de catarse. No texto serão feitas aproximações à "arte bruta" de Jean Dubuffet e à estética naïf. São também revisitados alguns casos da arte contemporânea onde o acto criativo e exorcismo se relacionam.

Palavras chave: desenho contemporâneo / catarse / arte popular portuguesa / Maria "Barraca".

Abstract: This article discusses the work of Maria "Barraca" in the context of Portuguese folk art, analysing the creative artist's universe to stress how the act of drawing becomes a cathartic process. The article approaches Jean Dubuffet's art brut and art naïf, while revisits some cases of contemporary art where the creative act and exorcism are related.

Keywords: contemporary drawing / catharsis / Portuguese folk art / Maria "Barraca".

Introdução

A arte popular portuguesa é um tema ainda pouco estudado. Com um espólio enaltecido e inventariado na época de António Ferro, encontra-se hoje guardado no Museu de Arte Popular em Lisboa. Em 1964 Ernesto de Sousa afirmava que a

“descoberta da arte popular, em Portugal, está num modesto começo” e desde essa época existem escassas investigações sobre o tema. A obra de Maria José dos Santos está representada apenas no Museu da Guarda, pertencendo o resto do espólio a colecções privadas. Conotada como artista popular, o irreverente trabalho de Maria “Barraca” é pouco conhecido dentro do contexto da arte portuguesa. Neste sentido, o presente artigo serve para mostrar a particularidade da obra de Maria “Barraca” analisando a sua produção dentro do campo do desenho, e pondo em evidência o seu universo criativo para mostrar de que forma a artista transforma o ato de desenhar em processo de catarse.

1. A inquietação de Maria Barraca

Maria José dos Santos (1933), natural da aldeia de Mizarela perto de Guarda, apresenta um percurso peculiar na sua relação com o fazer artístico. Conhecida como Maria “Barraca” pelas gentes da sua aldeia, teve uma vida pautada por acontecimentos trágicos que provocaram a inquietação do seu espírito. As desordens, os conflitos e as rupturas com o mundo são então “exorcizados e harmonizados num processo mimético com a vida de Santa Bárbara” (Borges, 1999:10).

As suas obras foram mostradas pela primeira vez em 1999 no Museu da Guarda, que lhe prestou homenagem através da exposição “Vidas Ex-postas. Estórias bordadas por Maria Barraca”. Os trabalhos denotam décadas de devoção e entusiasmo pela trágica história da santa virgem e mártir, mulher tornada santa pela sua devoção a Deus, o que a levou a ser martirizada e finalmente decapitada pelas mãos do seu próprio pai.

Os autores que estudaram e escreveram sobre a obra de Maria “Barraca” apontam um paralelismo entre a lenda da santa e a vida da artista, centrado na dualidade entre dois mundos: o Bem e o Mal.

Desde criança que teve contacto com a literatura hagiológica; quando tardiamente aprendeu a ler, chamou-lhe a atenção principalmente a lenda de Santa Bárbara. Numa primeira fase, transcreveu exaustivamente versos e ladainhas para um caderno escolar, mais tarde foi impelida pelo impulso criativo, a interpretar o universo da santa através de desenhos. Numa espécie de simbiose com a sua vida, Maria “Barraca” investe desde 1969 todo o tempo que sobra das tarefas da lavoura, a reinventar os episódios da vida de Santa Bárbara.

Na sua obra, vemos inquietantes e extraordinárias imagens legendadas que são criadas primeiro a lápis de cor sobre papel (Figura 1), para depois serem repetidas e refeitas exaustivamente, ganhando nova vida em linhas feitas de lã e fio de algodão (Figuras 2). A imagem da Santa é a figura mais representada. Esta é repetida durante vários anos, como se precisasse a todo o momento, de



Figura 1 · Maria Barraca (1969) *Um anjo cobrindo-lhe o corpo com uma veste muito resplandecente e curando-lhe milagrosamente as chagas.* Desenho do livro "A vida de Santa Bárbara, Virgem Mártir", colecção da artista. Fonte: Borges, Perdigão, et al. (1999).

Figura 2 · Maria Barraca (s/d) *Um anjo cobrindo-lhe o corpo e curando-lhe milagrosamente as chagas.* Algodão, lã e fibra s/ algodão, 30x25 cm, Colecção Arquitecta Maria José Abrunhosa. Fonte: Borges, Perdigão, et al. (1999).

uma atualização ou da renovação da sua presença. As figuras (Figura 3, Figura 4, e Figura 5), mostram as variações dentro do mesmo tema, criadas em tempos diferentes. A Figura 3 foi o primeiro desenho bordado de Maria José dos Santos, criado em 1976, sete anos após o início do seu livro de desenhos. Os bordados apresentam legendas que são subtilmente diferentes e ocupam a parte de baixo da imagem; a figura da santa sempre representada no centro em fundo azul e envolta numa áurea de “luz” clara é adornada de elementos que variam em cada actualização. Figuras de santos, flores, estrelas, o sol e a lua compõem a imagem, num realismo ingénuo.

Como um grito para assegurar a sua sobrevivência, Maria “Barraca” usou instintivamente o desenho como forma de dar sentido à sua vida e a analogia com a Santa Bárbara como uma forma de falar sobre si mesma, expondo um mundo que nunca se chega a compreender.

2. Desafiando a arte popular portuguesa

A obra de Maria “Barraca” distingue-se dentro do campo da arte popular portuguesa. Apesar de ser fruto de um trabalho autodidacta, não académico, onde a artista interpreta “expressionisticamente” o seu mundo (Sousa, 1964) conectado com o imaginário da cultura popular (neste caso o culto dos santos dentro da tradição cristã) a sua obra distancia-se da “arte do povo”, pelo seu carácter autónomo e obsessivo. Maria “Barraca” cria as suas obras por impulso, como se de uma urgência se tratasse. Isolada do mundo real, não pretende seguir nenhum estilo ou tradição nem partilhar as suas criações dentro de uma comunidade, refugiando-se na sua arte, que lhe surge de forma descomprometida com o meio artístico. Neste sentido, poderá ser relacionada com a “arte bruta” defendida por Jean Dubuffet:

Aqueles trabalhos criados na solidão a partir de puros impulsos criativos - onde preocupações com a promoção social, a competição e a fama não interferem (Dubuffet 1971, apud Maizels 1996: 42. Tradução livre)

No entanto, a arte marginal cunhada por Dubuffet estava principalmente ligada ao universo criativo de utentes de hospitais psiquiátricos e prisões, o que não é o caso de Maria José dos Santos.

Apropriando-se da técnica da arte têxtil, os seus bordados distanciam-se da tradicional tapeçaria popular por não terem um “estatuto de uso”, ganhando a importância de pinturas para contemplar (Borges, 1999) como se de uma banda desenhada se tratasse.



Figura 3 · Maria Barraca (1976) *A Gloriosa Santa Bárbara Virgem Mártir*. Algodão, lã e fibra s/ linho, 53x65 cm, Coleção Grupo de Teatro Aquilo. Fonte: Borges, Perdigão, et al. (1999).

Figura 4 · Maria Barraca (1992) *Milagrosa Santa Bárbara Virgem Mártir*. Algodão, lã e fibra s/ linho, 38,5x34,5 cm, Coleção Museu da Guarda. Fonte: Borges, Perdigão, et al. (1999).

Figura 5 · Maria Barraca (1997) *Santa Bárbara Virgem Mártir Milagrosa*. Algodão, lã e fibra s/ linho, 42x33 cm, Coleção privada. Fonte: Borges, Perdigão, et al. (1999).

Utilizando uma linguagem mais próxima da pintura naïf, os seus desenhos bordados em tons garridos, são povoados de símbolos religiosos representando o Bem e o Mal. O mundo de Bárbara, em tons claros e metálicos onde figuram anjos, flores e a luz divina - o Bem (Figura 6), e o seu oposto em tons escuros, “feios” segundo as descrições da artista (Borges, 1999), habitado por figuras masculinas, demónios e carrascos (Figura 7).

Também a escolha do material, torna peculiar a obra de Maria “Barraca”. A sua modesta condição de mulher dedicada aos afazeres domésticos e labuta no campo, levaram a artista a reutilizar linhas e fios de roupa velhas “que ela esfarrapa até conseguir fazer um fio com textura suficiente para bordar” (Borges, 1999:10). Apesar de ficar limitada à diversidade das cores que conseguia obter a partir das suas roupas e das lãs usadas que lhes ofereciam as vizinhas, a artista constrói uma paleta de cores ajustada ao simbolismo das suas emoções.

A sua obra foi mostrada principalmente em exposições individuais: no Museu da Guarda (1999), Museu do Traje (2000), Teatro da Guarda (2009); no entanto em 2004 os seus bordados integraram a exposição “Mãos que voam” no Paço da Cultura (Guarda) juntamente com outros artistas populares locais. Maria “Barraca” destaca-se pela criatividade com que reinventa a vida da Santa em inquietantes e bizarras imagens, num estilo de narrativa visual pouco comum.

A arte popular, caracterizada por Ernesto de Sousa como mais expressiva do que formal, que “é regional e particularizante, e a sua beleza é característica e não canónica” (Sousa 1964) encontra no contexto português alguns exemplos que sugerem afinidades com a obra de Maria “Barraca”. Seja pela forma ingénua com que é criado um mundo imaginário repleto de imagens bizarras, onde convivem seres celestes e demónios; ou pelo carácter obsessivo e autoetnográfico (ligando a experiência pessoal com as representações da cultura) que caracterizam o seu fazer artístico.

Na obra de Encarnação Baptista “é de si e de nós que fala quando decide pintar”, representando um espantoso mundo de mulheres-noivas escondendo diabos sexualizados, nossas senhoras e cenas do quotidiano rural da Ilha da Madeira, sua terra natal (Gamito 2012). Também as esculturas em barro de Rosa Ramalho, representando bichos estranhos que “só se apresentam fantásticos para a nossa culta incompreensão” (Sousa 1998) e são reais para o artista popular, como aponta Ernesto de Sousa, as esculturas “ingénuas” de Franklin Vilas Boas (Sousa 1998) ou os desenhos de Jaime Fernandes mais relacionados com a arte bruta, pelo contexto de demência mental onde foram criados.

No entanto, a alienação voluntária de Maria “Barraca” entregue à devoção pela trágica vida de Santa Bárbara, confronta-nos com um caso que junta a



Figura 6 · Maria Barraca (s/d) *Santa Bárbara sobe às alturas do céu*. Algodão, lã e fibra s/ linho, 30x29 cm, colecção privada. Fonte: Fonte: Borges, Perdigão, et al. (1999).

Figura 7 · Maria Barraca (s/d) *Dragão*. O pai da Santa é sepultado no inferno por demónios. Algodão, lã e fibra s/ linho, 28x17 cm, colecção privada. Fonte: Borges, Perdigão, et al. (1999).

ingenuidade e a loucura. Diante das obras de Maria José dos Santos “o espírito perturba-se e a mente inquieta-se” (Borges, 1999:6).

3. Desenhar para aguentar o mundo

A vida de Maria José dos Santos foi pautada por acontecimentos trágicos. A morte da mãe quando tinha apenas 5 anos; a ausência do pai imigrado na Argentina; o seu regresso a Portugal para voltar a casar com duas mulheres irmãs; a vida rural e dura labuta no campo, no interior de Portugal, constituem o cenário que fez brotar a inquietante e extraordinária obra de Maria “Barraca” num processo de exorcismo mimético com a vida de Santa Bárbara.

Partilhando com Bárbara a orfandade, o gosto pelo culto sidérico e uma vida repleta de infortúnios, Maria José vai reconstituindo obstinadamente a vida da Santa como que decantando as suas próprias dores num processo de catarse.

O exorcismo como metáfora de processos de criação onde o artista transforma a materialização de ideias e o fazer artístico num exercício de sanação introspectiva e purga de fantasmas pessoais, tem alguns exemplos interessantes dentro da história da arte contemporânea. A célebre frase do expressionista Alemão Otto Dix “toda a arte é exorcismo” faz eco nesta ideia. A produção artística de Louise Bourgeois, Joseph Beuys ou Tracey Emin são manifestamente fruto de um processo de catarse, onde através de “rituais”, cada artista procura linguagens próprias para sanar problemáticas pessoais expondo as suas feridas a um público esclarecido e produzindo matéria para as teorias da arte. No caso particular de Maria “Barraca” é desconcertante descobrir que uma mulher que nunca teve contacto com o mundo artístico, toma o desenho como linguagem primordial para satisfazer a vontade de transcendência. Alienada dos convencionalismos estéticos e formais do ensino artístico, o desenho surge como expressão máxima das suas ideias. Quando as palavras já não eram suficientes, Maria José passou instintivamente para o desenho. Só depois da morte de seu pai em 1977, a artista sente necessidade de levar os desenhos do seu caderno para outra dimensão: os bordados. Massacrando o pano num gesto repetitivo, as linhas feitas de lã e algodão vão reconstruindo os episódios da vida da santa, através de símbolos criados a partir da memória e imaginação.

Maria “Barraca” “identifica-se nela, mostra-se nela, exorciza-se através dela” (a santa); como se o ato de desenhar servisse para aguentar o mundo.

Conclusão

Maria “Barraca” é sem dúvida um caso de estudo no contexto da arte popular portuguesa. Começou a sua atividade artística já na idade adulta, perseguindo

uma vontade superior de exteriorizar, num acto de devoção, a vida de “Santa Bárbara Virgem Mártir”, através do desenho. A sua história refere-se à de muitas outras mulheres a quem a vida maltratou, “representando assim, a humanidade do sofrimento e o rosário do seu destino” (Teixeira, 1999).

A irreverência do seu trabalho encontra eco em algumas obras e tendências da arte contemporânea. Madalena Braz Teixeira faz uma aproximação da “intenção expressiva destes exemplares de arte têxtil” com os “conhecidos e contemporâneos panos bordados de Lourdes Castro” (Teixeira 1999:15). O conceito de “linha” como elemento básico do desenho relacionado com as técnicas de tecelagem e da costura, foi recentemente explorado em “Thread Lines”, exposição de arte contemporânea realizada no Drawing Center em Nova Iorque em 2014 com curadoria de Joanna Kleinberg Romanow, onde foram apresentados trabalhos de Louise Bourgeois, Alan Shields, Elaine Reichek, Robert Otto Epstein e Anna Wilson entre outros.

Memórias e sentimentos decalcados em textos, textos traduzidos em desenhos e desenhos transformados em bordados, são os gestos criativos que transformam, o prazer de desenhar em processo de catarse, na obra de Maria “Barraca”.

Referências

- Borges, D. H. P., Perdigoão, T. et al. (1999). *Vidas Ex-postas. Estórias Bordadas por Maria Barraca*. Instituto Português dos Museus: Museu da Guarda
- Gamito, Maria João (2012) “Iluminações: as mulheres-noivas de Encarnação Baptista” [online]. *Arte & Género*, p. 102–113. Universidade de Lisboa. Disponível em URL: [www.repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8283/2/Maria João Gamito.pdf](http://www.repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8283/2/Maria%20Jo%C3%A3o%20Gamito.pdf)
- Maizels, Jonh (1996) *Raw creation: outsider art and beyond*. London: PhaidonSousa,
- Ernesto de (1998) *Ser Moderno em Portugal*. Lisboa: Assírio e Alvim
- Sousa, Ernesto de (1964) “Conhecimento da Arte Moderna e Popular” [online]. *Revista Arquitectura*, nr.83, Set. Lisboa: Ordem dos Arquitectos. Disponível online em URL: www.ernestodesousa.com/?p=245